

6. Sentimentos que Emergem nas falas dos Professores durante a prática da inclusão.

Durante as entrevistas realizadas, evidenciaram-se sentimentos que se constituem durante a prática da inclusão. Estes sentimentos foram expressos pelos educadores, demonstrando assim um olhar, que tanto pode conter pressupostos que acolham a filosofia de inclusão, quanto pressupostos que sejam prejudiciais à prática da inclusão.

Dentre os sentimentos que acolhem a filosofia da inclusão, encontramos os seguintes grupos: sentimentos ancorados no afeto e sentimentos ancorados em princípios humanistas.

Dentre os sentimentos prejudiciais à prática da inclusão, encontramos os seguintes grupos: sentimentos ancorados no impacto causado pela deficiência, sentimentos ancorados na rejeição e incômodo causados pela presença do aluno com paralisia cerebral.

- **Sentimentos que acolhem a filosofia da inclusão**

Sentimentos ancorados no afeto positivo foram presentes no discurso de alguns professores que verbalizaram, durante as entrevistas, ter sentimentos de amor e de carinho por estes alunos, porém existem controvérsias se estes sentimentos são realmente benéficos ou não à inclusão, pois como nos lembra Carvalho (2000):

A história da educação especial está pontilhada ou por explícitos mecanismos de rejeição concretizados nas perversas formas de exclusão, ou por sentimentos de amor ao próximo, sob forma de altruísmo, de humanitarismo e de solidariedade, movidos pela piedade, geralmente (p.23).

Apesar de correremos o risco de incorrer em nossas colocações nesta dúbia interpretação, na qual ao tempo que são sentimentos tidos como positivos, eles podem ser gerados por um sentimento piedoso o que invariavelmente é prejudicial, porém acreditamos que para qualquer relação humana bem sucedida

os sentimentos afetuoso, humanitário e solidário são fundamentais. Podemos encontrar o sentimento de afeto, neste trecho retirado de uma entrevista:

“Mesmo que você não queira, você passa a ter um carinho especial pelo aluno, então você passa a tratá-lo de uma forma diferenciada.”

Sentimentos como estes podem servir de estímulo para o professor, que demonstra um envolvimento maior com este aluno. Tal carinho é expresso através de uma forma de tratamento diferenciado. Entretanto, esse afeto, quando exacerbado, corre o risco de se transformar em paternalismo, o que, como vimos, é prejudicial a esse aluno, porquanto esse tratamento diferenciado pode causar uma proteção especial, refletindo na queda da aprendizagem e do cumprimento de tarefas exigidas a todos os alunos. Mas, quando este sentimento é bem dosado, ele se torna acolhedor e faz este aluno se sentir parte integrante do todo da classe.

Um outro professor justificou esse carinho ressaltando o comportamento destes alunos.

“Eu tenho muito carinho pela maneira deles se comportar, porque talvez, se eles fossem agressivos, houvesse uma rejeição, mas como eles são afetivos, você quer enturmá-los, você quer deixá-los à vontade e sentir amados diante da turma deles.”

Esse professor deixa bem claro que o carinho que sente por estes alunos não está relacionado simplesmente com o fato dos mesmos terem ou não uma deficiência, mas devido a apresentarem um comportamento socialmente aceito, que o estimula a ter atitudes benéficas à inclusão escolar deste aluno. Em outra entrevista, apareceram sentimentos de afeto juntamente com a preocupação em não saber transmitir a matéria para uma aluna portadora de Paralisia Cerebral.

“Carinho, amor, preocupação de não saber transmitir a matéria para ela, como eu iria fazer isto para ela...”

Esta preocupação se justifica pelo desconhecimento de, se a aluna está ou não construindo seu conhecimento..

Quanto aos sentimentos ancorados em princípios humanitários, encontramos expresso literalmente na entrevista de um professor que utilizou do

termo, uma questão de humanidade, para se referir aos sentimentos que surgiam durante o processo de inclusão escolar de seu aluno:

“Então, por uma questão de humanidade, você vira mãe deles também.”

Os sentimentos humanitários devem estar presentes durante a educação de qualquer criança, jovem ou adulto, contudo tal sentimento nos remete a uma reflexão focada na repetição de uma visão na qual este aluno é visto apenas como merecedor de sentimento humanitários, altruísticos e de solidariedade que são comumente advindos da piedade. Como por exemplo, o sentimento maternal, acima explícito, pode se tornar prejudicial ao crescimento da autonomia do aluno portador de qualquer tipo de deficiência. O aluno perde a oportunidade de desenvolver condições de autonomia e independência.

A autonomia é vista como a capacidade de dominar o meio físico e social, favorecendo assim, a preservação da privacidade e da dignidade destes educandos, enquanto a independência é a liberdade de decisão com a qual esses alunos possam decidir quanto sua própria vida. Sendo assim, muitos alunos portadores de Paralisia Cerebral podem não possuir autonomia para realizar algumas ações que dependam das habilidades motora, mas essa falta de prontidão para o domínio do meio físico, não deve anular a sua independência, pois é através de suas escolhas próprias e da transposição das dificuldades, que este cidadão se construirá. E esse deve ser o papel fundamental da escola: contribuir na construção da cidadania, independentemente das características individuais de cada um de seus alunos.

Podemos considerar também como tendo uma visão humanitária, uma reflexão realizada por um professor, que apesar de mencionar a palavra pena, a relaciona a uma suposta falta de respeito da sociedade para com as peculiaridades dos alunos portadores de Paralisia Cerebral.

“Sentimento, pena, não por ser como é, mas porque eles vão encarar uma sociedade que ainda não os aceitam, não respeitam como eles são. Não é pena deles serem assim, é pena deles não conseguirem se adaptar, ou que é muito complicado para eles a aceitação deles no mundo que é diferente deles. Não sei quem são normais ou não, se são eles ou se somos nós.”

Tal reflexão demonstra um sentimento que não está relacionado diretamente com o aluno portador de Paralisa Cerebral, mas com a sociedade

onde eles vivem e convivem com as demais pessoas. Essa suposta não aceitação e falta de respeito para com estes alunos é fruto de representações construídas socialmente. Tais representações são elaboradas como forma de conhecimento prático, orientam as ações do cotidiano e se dão através da interface de duas forças. Spink (2002) nos explicita quais são essas forças:

De um lado temos os conteúdos que circulam em nossa sociedade e, de outro, temos as forças decorrentes do próprio processo de interação social e as pressões para definir uma dada situação de forma a confirmar e manter identidades coletivas (p.121).

Assim sendo, tais representações são construídas em um contexto, essencialmente “intertextual”, pois ele é composto pela justaposição do texto sócio-histórico que está relacionado com construções sociais que alimentam a subjetividade com o texto dos discursos.

Essas representações influenciam toda uma conquista de direitos dessas pessoas que durante muito tempo e ainda hoje, em algumas instâncias, são alijadas de direitos fundamentais a qualquer ser humano.

Um professor nos declarou existir uma preocupação com sua aluna, argumentando que esta jovem é bastante comprometida.

“Agora a primeira impressão, conhecendo agora, este ano, foi a preocupação de ser uma aluna bastante comprometida.”

Este tipo de preocupação é comum ao professor que nunca teve nenhuma experiência anterior com alunos portadores de Paralisia Cerebral, pois, realmente, as características peculiares a esses alunos podem causar um desconforto nos educadores, que não foram sensibilizados, nem tampouco preparados, durante seu processo de formação, para atender essa clientela.

Essa preocupação pode ser um estado positivo para a prática da inclusão, dado que o total desconhecimento dos professores de como lidar com este aluno pode leva-los a procurar novas alternativas, gerando, assim, um estado de prontidão para suprir as necessidades destes alunos.

Mas essa preocupação também pode trazer consigo um descrédito no potencial do aluno portador de Paralisia Cerebral comparado ao do resto da turma. Dessa forma, esse aluno não será visto apenas como um aluno com

características individuais que compõem a pluralidade, mas sim como um problema em sala de aula permanente.

A curiosidade é uma característica que insita nos professores a busca de informações. Vemos isso na afirmação desse professor:

”Eu primeiro fiquei curiosa, porque eu nunca tinha trabalhado com uma criança com deficiência e eu procurei até conversar com pessoas que trabalham com estes alunos, e perguntar para elas, de que forma elas trabalhavam com eles.”

Essa curiosidade levou-o a colher dados referentes a seu aluno com professores que já tiveram este educando incluído em sua turma. Tal atitude em muito pode favorecer a prática da inclusão deste aluno, já que leva à troca de informação, mas não deve anular a busca em outras fontes teóricas, que se baseiem no conhecimento empírico. A falta deste diálogo entre a experiência da troca com outros professores ou até mesmo o dia a dia com o aluno, com o universo reificado acessível na teoria pode produzir posturas embasadas em representações formuladas através do senso comum apenas..

Classificamos também como pertencente aos sentimentos que acolhem a filosofia da inclusão os encontrados na fala de um professor que os expressa fazendo uso dos seguintes termos:

“Eu acho que é esta, de coragem, de achar que a gente reclama de tanta coisa e fica assim com desânimo, fica assim meio bobo.”

Esse professor demonstrou admirar, nesses alunos, um atributo que classifica como coragem, através de uma comparação das dificuldades que esses possuem em relação as pessoas ditas “normais”. No entanto , se a inclusão do aluno portador de Paralisia Cerebral fosse um assunto discutido nos cursos de licenciaturas, este tipo de visão poderia se transformar, pois a coragem para transpor barreiras poderia ser vista como uma qualidade necessária para o sucesso do aluno e isso excluiria aqueles que não se imbuíram de tal qualidade. O que desejamos é justamente o contrário, que estes educandos não sejam vistos como “super-heróis”, mas sim como pessoas que têm a necessidade de viver plenamente, sendo, cada uma delas, apenas mais um cidadão.

Para fazer tal comparação, esse educador se coloca no lugar deste aluno, o que é muito louvável, pois assim reconhece que as dificuldades existem. No entanto

a forma de enfocá-las precisaria ser repensada numa perspectiva mais coerente com a filosofia da inclusão.

- **Sentimentos prejudiciais à prática da inclusão**

Dentre os sentimentos ancorados no impacto causado pela deficiência, encontramos professores que usaram termos ou expressões tais quais: “ fiquei chocado”, “violência”, “a primeira vez é um impacto violento”. Podemos ilustrar tal tipo de posicionamento, mediante a fala de um professor, que teve uma reação de impotência, por entender a inclusão como uma violência e indignado colocou tal idéia da seguinte forma:

“A minha reação é de impotência diante desta violência a que nós somos submetidos, como professores...”

Através do teor de colocações como esta, podemos concluir que tais sentimentos surgem devido a um constrangimento destes professores, que são impostos a incluir nas atividades de sua disciplina um aluno que consideram como indesejável.

Quando inovamos, perdemos o domínio de uma situação pré-estabelecida, mas ganhamos, a medida que nos abrimos para novas descobertas que nos fazem crescer. Tais sentimentos são o produto de uma construção realizada por estes professores, a partir de uma atividade e de uma relação objeto-mundo através da qual eles constroem tanto o mundo que os cerca, quanto a si próprios e a construção de um aluno ideal foram tão enraizadas, que ao surgir em classe um aluno que fuja aos padrões deste modelo, que elegeram como aceitável, se tornam portadores de sentimentos causados pelo impacto de conviver em sala de aula com um aluno portador de Paralisia Cerebral.

Houve professores que também disseram ter reações de susto e surpresa quando receberam em sua sala de aula um aluno com Paralisia Cerebral, como podemos observar no seguinte trecho retirado de uma entrevista:

“Eu já estava acostumada, mas a 1ª vez você se assusta, porque não sabe como vai lidar...”

O ideal seria que todos os professores que praticam a inclusão já estivessem acostumados com a presença destes alunos em suas turmas, pois se assim acontecesse, a inclusão de alunos portadores de Paralisia Cerebral, em classes do ensino regular, poderia ser encarada pelos docentes com mais naturalidade.

Encontramos também professores que, quando interrogados sobre os sentimentos que surgiram através do convívio com este aluno, demonstram uma rejeição quanto a inclusão destes alunos. Isto se torna aparente nas suas falas, onde mencionam sentir: injustiça, revolta e raiva, como podemos ilustrar nestes dois trechos retirados de diferentes entrevistas:

“Com certeza, de injustiça, de revolta, de ver que a nossa sociedade está achando que basta colocar uma pessoa dentro de uma sala de aula, que isto vai resolver o problema. Acham que isto é não discriminar. Eu acho o contrário, você tem um problema ali que fica em evidência”

“Misericórdia e também um pouco de raiva, por ver o jogo que o governo está fazendo, em querer rotulá-la como normal e colocar num colégio normal, entendeu, porque assim ele está economizando.”

No primeiro trecho o professor traduz em palavras, sentimentos de repulsa ao trabalho de inclusão que está realizando, culpando a sociedade por incluir alunos portadores de Paralisia Cerebral em turmas do ensino regular.

No segundo trecho, encontramos dois sentimentos antagônicos: misericórdia e raiva, que apesar de coerentes, no contexto de inadequação destes alunos para o ensino em classes regulares, nos trazem significados particulares.

O sentimento de misericórdia, assim como o sentimento de pena, que também encontramos no discurso de outro entrevistado, trazem consigo a falta de credibilidade no potencial do aluno, pois só sentimos misericórdia ou pena por aquilo ou aquele que está condenado ao fracasso. Sendo assim, o professor que possui esse olhar para com esse aluno, dificilmente irá realizar um bom trabalho, podendo até atrapalhar o desenvolvimento do educando, pois já nos foi comprovado que muitos desses alunos podem ser capazes de concluir o ensino fundamental e médio, podendo até ingressar no ensino superior e se tornar um profissional competente inserido no mercado de trabalho.

O sentimento de raiva pode fazer com que esse professor, não apenas acentue uma indiferença relacionada a deficiência desses alunos, mas provocar situações de constrangimentos para os mesmos. Estes sentimentos podem ser

demonstrados para os alunos através de atos e palavras e ocasionar inclusive uma baixa-estima nestes alunos, influenciando negativamente na perspectiva destes estudantes quanto ao seu futuro.

Ainda houve professores que disseram se sentir incomodados com a presença do aluno portador de paralisia cerebral em sua turma. Podemos observar esta afirmação no seguinte depoimento:

“Ela incomoda no sentido que você se sente incomodado, porque se você é um bom profissional, você quer fazer alguma coisa por aquele aluno, e dentro daquele contexto, você não consegue e você se sente incomodado com aquela situação.”

Quanto ao ofício de professor, podemos observar que existem dois tipos de profissionais: o primeiro tipo é caracterizado por professores que estão numa procura constante de aperfeiçoamento mediante a busca de novas alternativas. Este educador reconhece que a inclusão destes alunos é um tema que deve compor o elenco de suas competências; o segundo tipo é caracterizado por professores, que como o mencionado acima, se consideram bons naquilo que fazem e por isso tem resistência a qualquer mudança, pois, mudar, pressupõe enfrentar o conflito entre o novo, desconhecido e o antigo que já era dominado. Sendo assim estes professores não querem abrir mão de ter o domínio de seu trabalho, pois preferem achar que o aluno com a Paralisa Cerebral não deveria estar freqüentando uma classe de ensino regular

Estes sentimentos nos indicam que tal é a indignação destes professores para com a inclusão destes alunos, que estes educadores nem procuram novas alternativas para tornar mais eficaz seu trabalho, pois não conseguem se sentir capazes de realizar ações benéficas para a inclusão. A repulsa por alunos portadores de Paralisia Cerebral, surge do sentimento que eles cultivam de incapacidade de lidar com esse aluno.

A partir desta incapacidade surgem outros problemas, pois ela dificulta a interação professor-aluno ou até a relação entre esse aluno e os demais que são contagiados também por esta visão discriminatória .

De acordo com a abordagem de Vygotsky, inicialmente, se uma pessoa interage com a criança, supõe-se que esta pessoa tenha a maioria das responsabilidades para guiá-la, levando-a a resolver os problemas que ela ainda

não adquiriu autonomia para sua resolução, afim de que, gradualmente transfira sua responsabilidade à criança. Portanto, se existe uma dificuldade de interação professor-aluno, gerado pela incapacidade do professor em lidar com alunos portadores de paralisia cerebral, este professor será incapaz de conduzir um processo de aprendizagem , como o descreve Vygotsky.